

**VOLUME 11**  
**1ª VIAGEM AO EXTERIOR – 1ª PARTE – EUROPA**  
**25/05 a 23/06/1871**

**INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

**[Desenhos]**

**25 de maio de 1871** - Douro 10 e 22 da manhã.

1871

25 de maio (5ª feira). Largamos às 8h e 10 min. Saída da barra às 9h e 20 min

Conversa com o comandante e o chief-officer - 10 ½ h Nada sinto.

3h Cabo Frio. Vou muito bem.

Bem frio que está.

**[Desenho]**

**27 de maio de 1871** (sábado) - No dia 25 pouco depois das 5h começou N.E. forte e tive de ir estudar os homens horizontalmente. Contudo vomitei pouco.

A noite foi boa apesar dos choros de crianças; ânsias de enjoados; arrastamentos como de cadeiras; um verdadeiro castelo de Ana de Radcliffe. Jogou muito o vapor e a água lavou soavelmente a tolda e entrou pelos hatchways apesar da caution. Consolava-me refletindo que outro vapor jogaria mais.

Ontem pelas 2h da tarde amainou o vento mas eu só me animei a surgir esta manhã e vou muito bem na tolda onde estou escrevendo.

Já vou conhecendo a gente de bordo que enjoou quase toda ontem, rolando um inglês pela escada.

Antes de ontem a torre do novo farol do Cabo-frio apresentou-se sobre o píncaro qual sombra de poema de Ossian.

O velho de resfriado estava com quase sempre embuçado em névoas. Mandou-nos parar para ordens, porém nada disse. Arrumamo-lhe um all are well e, embora não fosse um gaélico, deixou-nos passar com um amável desejo de boa viagem.

E boa vida; que lá fomos afocinhando o N.E. que me virou de crena.

Estão a bordo o Paes Barreto e o Luis Filipe de Sousa Leão e outras pessoas minhas conhecidas. Duas valentes senhoras - uma delas mulher do Laio do Guimarães do Senhor dos Passos - resistiram valentemente ao enjoão durante o dia 25.

Já se caracterizou um esganiçado, que por trajar diversas cores chamam o arco-iris e para diante falarei de outras.

Reparo que os louros – não são os papagaios; pelo contrário – louraços e outros da mesma nuance são calados; os de cabelos pretos, castanhos, etc – os portugueses sobretudo papagueiam que é um gosto – para eles.

Tenho arranhado inglês com o commander Waiter e o chief-officer Bruce. O primeiro tem sido muito amável com todos. Há pouco (são 11h) fez-me subir ao passadiço para descobrir de óculo muito ao longe – e o tempo está chuvoso – os Abrolhos. Foi do passadiço que desenhei o farol novo do Cabo.

Veio a bordo o dr. Rosendo Muniz Barreto <sup>001</sup> com quem acabo de falar e o irmão rabequista, que já convidei a que nos dê uma serenata.

Apareceram pássaros entre os quais um bem-te-vi, e agora uma andorinha.

O tempo tem-se desenevoado um pouco depois de 4 ½ h

O cirurgião da armada portuguesa Magalhães e o Muniz Barreto (poeta) fazem boa companhia e o Muniz Barreto (artista) tocou bem algumas peças de música (a Saloia; Carnaval de Veneza, etc) em ruim rebeca.

O mar está excelente e o vento enche um pouco as velas.

**28 de maio de 1871** — Houve alguma lua de noite e ouvi da tolda a péssima música de bordo, que rematou pelo hino brasileiro.

Mamãe esteve até tarde sobre a tolda e todos vão bem.

Há a bordo uma onçazinha malhada.

Vi o cruzeiro e melhor as patas – conversei fora do camarote antes de dormir e levantei-me às 6h, subindo pouco depois para a tolda.

Choveu muito de noite e chove bem agora (9h) que passa perto um chaveco [sic] de dois mastros em direção oposta a nós. O N.E. atrasou-nos a viagem; pois chegamos a botar só 6 milhas. Ontem andamos 12 milhas. Creio que chegamos à Bahia ao meio dia para sair de lá às 5 ½ h da tarde o tempo está muitíssimo chuvoso.

**29 de maio de 1871** (segunda) — Ontem quando abriu um pouco a cerração cerca de 11 ½ h aproava o Douro para o forte mar. Fundeamos perto de 12 ½ h Muito vento e chuva. Custou a chegar ao Arsenal da Marinha a galeota é má e os remeiros péssimos. Tem fama de já se haver virado.

A recepção foi brilhante, de baianos. Sai a pé a ladeira da Conceição e fui de carro ao Pilar, onde meti num dos bondes do Bonfim (companhia de veículos econômicos) chamado Bahia e seguido de outro de nome Bonfim.

Nicolau Carneiro é presidente da companhia e muito conversei com ele a respeito da companhia e da Condessa, a quem ele escreve pelo Douro. A companhia tem 36 bonds e 200 animais, sendo o meu bond puxado por cavalos.

Fui nele até a baixa do Bonfim de onde segui tirado por locomotiva até perto do mar em Itapagipe.

Voltei ao Bonfim, subindo de carro à Igreja onde fiz curta oração.

Vim a palácio, que estava apinhado de pessoas importantes de todas as parcialidades. Achei quase todos os meus conhecidos mais grados.

Escrevi a meus filhos comi à pressa e às 5h e 20 min estava a bordo.

Por causa do fornecimento do carvão seguimos somente às 7h e 14 min. Houve bastante vento de noite e jogou o navio, mas tenho passado bem, lido e vim almoçar com vontade. O vento é S.E. e andamos bem.

Ontem o Muniz Barreto, por pedido meu, recitou como sua a minha tradução homeométrica da Ode de Manzoni a Napoleão, que eu trouxe para limá-la ainda mais e dá-la talvez a Manzoni em Milão.

Agradou geralmente e aproveitarei das críticas que lhe fizeram mais facilmente supondo-a do Muniz Barreto.

Hei de estudar inglês e alemão na viagem juntamente com o Bom-Retiro<sup>002</sup> e o Itaúna.

Na Bahia há mais as linhas de bonds Trilhos urbanos – para a Vitória e – central.

Vi das janelas do palácio girar a locomotiva do sistema Thompson (de que é empresário o Dr. Rocha (deboche!) e anda bem, dizendo-me alguns que sobe facilmente a ladeira da preguiça. Este sistema é para os caminhos ordinários. As rodas são cercadas de borracha. Há outras novidades que só na volta poderei ver.

O vice-presidente em exercício o Dr. Francisco José da Rocha, companheiro meu de viagem a Paulo Afonso, o Francisco Lourenço (Barão de Sergi), o chefe da divisão Mamede e outros vieram a bordo depois das 5h e 20 min.

Escusaria dizer que conversei com a Teté (Paraguaçu) e sua família. (Pedro Muniz estava doente na fazenda).

Há a bordo um inglês (Mr. Croskill) assaz original e que por animar os enjoados chamaram consolador dos enjoados. Com traje de mau tempo é uma espécie de urso, mas amável e bom jogador de xadrez. Passeia com relógio na mão, pois segundo ele diz certo tempo de passeio é indispensável a sua higiene.

Veio há pouco do Rio da Prata. Já barbarizei inglês com ele e hei de continuá-lo. 11 ¼ h.

O vento tem refrescado e botamos 13 milhas.

### **[Desenho]**

Romeu e Julieta. Par miúdo que parece reciprocamente enjoado.

12h e 4 min Navio a vela ao longe do lado da terra.

E o oficial de Marinha brasileiro é irmão do Dr. José Joaquim do Carmo e nascido em S. Paulo pertencente pela mãe à família Bueno.

1h desci por causa de um aguaceiro forte.

3h menos 10 min outro aguaceiro, mas sem vento.

Subi há pouco, depois de ter estudado inglês com os Barões.

10h e 35 min – Às 5 e 20 min novo aguaceiro menor. O tempo ficou bom e gozamos de belo luar na tolda. Viu-se bem porém muito longe o farol de Maceió. Reparei bem para o Cruzeiro.

O inglês Croskill mostrou-se entendido em astronomia e falou-me em John Herschell que devo achar em Londres.

O filho de Ana Simões, residente em Lisboa, irmã do Simões do Supremo Tribunal de Justiça, conversou bastante comigo e disse-me que escrevera a seu amigo, o conhecido botânico Archer de Edimburgo se eu aí fosse. Respondi que talvez visitasse essa cidade.

A música tocou. Sei que há carta-suja na Bahia. E a cornetinha de bordo!

Toca a alvorada, a avançar etc e o Bom-Retiro não é o soldado menos pronto para o ataque dos dentes. Que comer! Eu também tenho excelente apetite e vou perfeitamente.

O par que retratei já se mostra mais amável entre seus membros. Disseram-me ser português que residiu em Valença e talvez leve as patacas para a terrinha.

Amanhã pelas 7h da manhã diz o comandante que se chegará a Pernambuco.

Tenho lido o grama Calabar do baiano Dr. Agrário de Sousa Menezes. Revela muito talento. Emprestou-me o Rosendo Muniz.

O passageiro da direita do primeiro desenho soube há pouco que é um d'Essa ex-empresário da navegação do rio Pirai. Sentiu-se então enjoado, que ficou na Bahia.

Há também cobardia no enjôo; e quem a tem sofre mais.

Acabei de conversar com os Barões junto ao portaló para fazer quilo de canja e vou ler um pouco e dormir.

A gente que navega no Douro é quase toda estimável, menos um bonifrate <sup>003</sup>, chamado Benjamin, que ostenta de dandy e patito.

Adeus! Amanhã hei de escrever bem cedo no livro de que vou arrancando as páginas e portanto – boa noite (11 ½ h).

**30 de maio de 1871** (terça-feira) — 5 ½ h Dormi sofrivelmente.

6h e 10 min. À vista de Pernambuco.

Vou escrever a meus filhos.

6h e 20 min. Deu o tiro estamos fundeados.

Li os papéis que trouxe da Bahia e mando para o Rio.

3h e 40 min. Cheguei de volta do Recife às 2h Vê-se um navio de velas parado em direção oposta a nossa.

Fui para terra com chuva. Mamãe vendo os movimentos da galeota receou e eu segui sozinho com o Nicolau, vice-presidente Portela etc e Paiva. Quis entrar logo na galeota e machuquei a canela esquerda. Rebocou-nos o moleque. Acompanhavam-nos outro vaporzinho.

Desembarque no largo da igreja onde ouvi missa.

Muita gente (3h e 50 min).

Vapor ao longe vindo no Norte.

Como a maior parte não se ajoelhava o vigário capitular foi logo chamando a atenção do povo para o meu exemplo. Não houve protesto.

Daí fui de carro com o V. Presidente e o Presidente da Câmara Municipal Bento José de Menezes sobrinho do Barão das Mercês, e o Nicolau até a estação do caminho de ferro de Apipucos, de que é principal diretor o inglês Rawlinson (tem já 72 vagões e 8 locomotivas e conduz termo médio 4 mil pessoas por dia, rendendo 17%). Há muitas casas novas no caminho e bonitas.

Encontrei no vagão o sobrinho do agente da Companhia Pernambucana: Vitoriano Borges e sua mulher francesinha da gema, que muito me falou de seu Parris [*sic*]. Eu grosseyei [*sic*] também sofrivelmente.

Vi de longe a chácara da Mangueira à rosa da qual há em boa altura uma varanda de madeira [*sic*] onde tomei café em 1859 ou 60 – que bela vista da várzea! Mas só havia tempo de continuar mais 3 milhas (9 ao todo) até Caxangá para examinar a ponte nova, que não me parece ter ficado sólida. Dirigiu sua construção o engenheiro Pedro Uchôa, que os ingleses inscreveram Pedro Uchôa. Creio que devia ser pênsil como a levada pela cheia; pois o solo parece-me pouco resistente e já uma das colunas de ferro abateu.

Há casinhas novas bonitas em Caxangá, perto da Capela. Depois da estação da linha férrea de Olinda até onde fui. Esta estrada de ferro que tem ramal já adiantado até a povoação de Beberibe finda do outro lado perto do Convento do Carmo de Olinda. A companhia possui 32 vagões e 4 locomotivas, esperando mais duas. O diretor principal é um Cunha de Beberibe.

Na volta falei com diversos e entre eles o diretor das obras provinciais, Tibúrcio Magalhães sobre melhoramentos da Província. Vão fazer ramal da estrada de ferro para Sto. Antão e para Limoeiro. Recomendei o de Valença.

Conversei com o Dr. Moscoso que me disse que ainda houve já dias um morto de febre amarela, e 20 casos de beribéri na casa de correção.

Antes de voltar a estação do Recife vi as casas do Curso Jurídico e do Colégio das Artes. Que miséria! Assinei meu nome com a data num livro onde já fizera o mesmo em 1859.

Depois casa da Sociedade das Artes Mecânicas – e liberado, espécie de liceu das artes e ofícios do Rio de Janeiro. Já tem 50 e tantos alunos.

Enquanto inaugurei o serviço da companhia de esgotos de Antônio Gomes Neto e Laco. O estabelecimento fica junto à fortaleza das 5 pontes. Há uma máquina de vapor que jorra água pelo cano de esgoto, impelindo até o fim da ilha do Nogueira, as imundícies, que se acumulam num depósito subterrâneo. Pareceu-me tudo bem arranjado e dizem haver água bastante. Quando abri o registro jorraram a grande altura 5 repuxos divergentes.

Fui depois para palácio; nele havia bastante gente e depois de fechar papéis e cartas para meus filhos e comer embarquei-me no Arsenal de Marinha para o Douro.

A cidade do Recife está quase toda calçada de paralelepípedos, embora maiores e menos úmidos que no Rio. Há uma rua onde os moradores estabeleceram lampiões de gás tão unidos que deve a noite ser quase dia. As três pontes novas, sobretudo a que liga Sto. Antônio ao Recife estão muito bem acabadas. Esta tem passagem central para os carros e cavalos e laterais para pedestres. Há muitos armazéns e casas de belo aspecto. A draga ainda não trabalha, mas recomendei muito este serviço ao Vice-Presidente. Quem veio da Europa para montar esse serviço morreu.

Lá vai anedota de bordo. Dizia um português antes de chegarmos a Pernambuco: “Oh homem! O Pará não nos fica em caminho? Qual, respondia outro, o Pará fica depois de S. Vicente. Lembrei-me da lição de geografia da “Morgadinha de Val-flor”.

### **31 de maio de 1871** (4ª feira) — Levantei-me às 6h

Ontem de tarde as nuvens do poente estavam muito curiosas. Todos exclamaram ao reparar numa: olha o galo! E com efeito até era calçudo.

Fiquei na tolda até perto de meia noite. Que lindo o céu! Ainda era o do Brasil. Disseram-me que enquanto estive no Recife apareceram tubarões à roda do Douro.

Parece que se pregaram no Recife pasquins injuriosos a mim. Não me importa! Fui bem acolhido, e melhor seria se não fosse a pressa e a chuva a princípio.

Ontem de noite o Simões contou-me seus serviços na defesa do Recife em 2 de fevereiro de 1849. É moço inteligente, mas talvez um pouco falador, como quase todos se tornam a bordo, quando passam bem. Eu hei de procurar viajar-me escrevinhando, que é mais prudente.

A Julietta é filha de Valença, mas ainda não pude explicar o aspecto desse par.

7h Já tomei café. O tempo está muito bom. Ontem a noite puxávamos 11 ½ milhas. O comandante diz que veremos bem Fernando de Noronha. A quarentena em S. Vicente e sobretudo a de Lisboa, é que me desespera.

7 ½ h **[Desenho de navio]**

Direção oposta a nossa. Fez sinais a que se respondeu. Parece que pediu a latitude e a longitude. Viram-se voadores ao longe. Parecem aves. Não pude observá-los bem.

7h e 55 min. Botamos 12 ¼ milhas.

No Recife já se começaram a assentar os trilhos para os bonds.

9 ¾ h Vai tudo muito bem.

Li artigos curiosos sobre o Road-Steamers de Thomson.

Ouvi que o comander diz que veremos Fernando de Noronha às 12h

O navio das pardas velas vinha de Glasgow com 23 dias. Novo não se sabe o nome.

12h e 55 min. Já se avista da proa Fernando de Noronha.

2h menos 12. Navio muito longe, na mesma direção. Bando de gaviotas.

**[Desenhos]**

5h e 12 min. - Fui jantar há pouco.

Última terra do Brasil que eu ainda vejo saudosíssimo! Tempo belo, mar da baía do Rio de Janeiro.

**1 de junho de 1871** (5ª feira) — 6h Já estou vestido e assentado perto do portaló.

Ontem de noite a lua esteve muito bela.

O cruzeiro ainda alto.

Viu-se navio antes das 9h e não muito longe, em direção contrária.

Navegamos ontem N. 18° E. O “Commander” disse-me que se houvesse ventos fortes de E. só poderíamos avistar Palma. E eu que tanto desejo descobrir ao menos o vulto majestoso de Tenerife!

Conversei bastante e li enquanto houve claridade. Desci às 11h e 25 min da noite.

O Itaúna teve sua febrícula e tomou acônito.

Josefina e Mamãe estão constipadas.

Já visitei hoje Itaúna. Está melhor.

Tomei café e vou lendo, aqui mesmo deixar enxugar a baldeação da tolda. O barão de Tabatinga (Souza Leão) que vem de Pernambuco tem conversado bastante comigo. Disse que na ilha de Fernando há pé de milho com 6 maçarocas.

O cirurgião da Armada portuguesa também conversou bem comigo ontem de noite e não discute mal. Contudo quem parece merecer mais estima entre nossos companheiros de viagem é a família do Peixoto sócio do Guimarães.

5h Conversei com o Testa da família italiana, mas nascido em Lisboa. Disse-me ser da família Malatesta de Gênova – fez bem de suprimir o Mala pelo pai e dos Guidotti de Milão pela mãe. O pai foi cônsul e ele vice-cônsul da Nápolis em Lisboa. Conhecido e amigo de Marcelino José Coelho e de Peixoto de Brito. Depois falei ao padre napolitano Giuseppe Maria Regillo. Está há 8 anos no Brasil e foi vigário de Sta. Bárbara em S. Paulo. Disse-me não conhecer o novo bispo de Pernambuco; professor do seminário de S. Paulo.

9h Vou almoçar. Cerca de 10h viram navio de vela em direção oposta.

12h – Andamos 11 ½ milhas. Faz muito calor. Já se faz sentir a aproximação do equador.

12h e 10 min. O “Commander” trouxe o ponto. Lat. 16 m. S. - Long. 31° 11’ O. de S. Vicente 1094 que na marcha de 11 m. por hora dão 4 dias 3h 1h e 40 min.

Lição de Inglês desde 12 ½ min.

Passagem da linha à 1 ½ min.

Navio pequeno à vista em direção contrária.

5h e 20 min.

Às 2h tomei banho.

Os cômodos são bons e amanhã tomá-lo-ei inteiramente frio.

Li; conversei; jantei às 4h O “Commander” disse-me que depois de amanhã passaríamos a 500 milhas de Serra Leoa, e que iríamos de S. Vicente direto a Tenerife aonde chegaríamos em 3 dias.

A lua ainda está bastante alta e verifiquei que será cheia no dia 3, às 6h da manhã. O sol atrás das nuvens parece a boca de uma fornalha.

Há 3 judeus alemães a bordo. São negociantes segundo dizem e um deles bastou-me saber que era alemão e olhar-me para os cabelos pretos e traços de fisionomia para dizer é judeu.

**2 de junho de 1871** (6ª feira) — 5h e 50 min. Já estou ao portaló apesar de descer ontem a meia noite.

O Cruzeiro estava alto.

Avistou-se navio de vela não muito longe e que parece seguir a mesma direção. Seriam cerca 9h.

O mar não está calmo como ontem apesar de ter havido seu vento como agora.

O Itaúna está bom.

Os passageiros são 302 em vésperas de 303, segundo ouvi. As senhoras quiseram ontem de noite dançar, mas não houve cavalheiros bastantes, embora o barão de Tabatinga já se afiembrasse para dançar com a sobrinha-neta dos Buenõs do Rio Grande; bonita oriental.

O Simões fez-me grande preleção sobre a fábrica de extractum-carnis de Buschental em Trinidad (Estado Oriental) a qual já faz 10.000££ por mês vendidas a 550 e tantos réis, quando o Extractum-carnis do Mauá custa 700 e tantos e não conserva a albumina da carne.

Há a bordo uma gentilíssima menina de 3 ½ anos Inesita; filha de francês e oriental, nascida em Buenos Aires.

O cirurgião Magalhães descreveu-nos as ilhas de Cabo-Verde e disse coisas que pareceram-me fruto de sua imaginação.

Mamãe só esteve na tolda pouco tempo à tardinha e princípio da noite, por causa do defluxo. Ainda não me aborreci, mas que saudades do Rio e impaciência de ver os que procuro!

Às 7 ¾ h aguaceiro forte, mas sem vento maior que atravessamos em poucos minutos.

9 ¾ h Andamos 11 ½ milhas.

Ontem rifaram um bonito vaporzinho feito por um marinheiro (preço 50\$000) e tirou-o o marido da oriental. Eu, bem entendido, não contribui para a rifa.

10h Passamos o aguaceiro.

11h e 40 min. Pesado. Navio de vela muito longe, na mesma direção. Já se pode conversar com a Julieta e o Romeu. Aquela coça a cabeça quando se lhe pergunta se tem saudades dos pais e responde: pois não! Diz que vai a Lisboa, Porto, Guimarães, etc. e à capital de Inglaterra, que é Londres; e à capital de França que é Paris; à capital de etc.

Falei com um dos judeus, Holffsohn, sócio do Behrend de Berlim, que tem prestado serviços ao Brasil, e a quem aquele escrevera no sentido de meu programa, o que de certo me fará perder menos tempo.

Soube pelo genro do Eufrásio do Rio Grande, que o Croskill era da casa Croskill que vende instrumentos agrícolas e que um português que parecia-me reconhecer é com efeito o Azevedo da casa Azevedo Macedo, que eu vi em Porto Alegre e na casa do Eufrásio.

2 ½ h de 12 ½ h até perto de 2 lição de inglês, depois banho. Corre alguma aragem mas o ar está pesado. O prático vem agora de Pernambuco. Foi em 1818 remador da galeota de meu avô, casou duas vezes tendo tido da primeira 12 filhos que todos morreram (São informações do cirurgião português).

**3 de junho de 1871** (Sábado) — 6h menos 11min. Levantei-me às 5 ½ h para ver a aparição da lua e do sol; mas as nuvens não me deixaram admirar o equilíbrio dessas duas imensas conchas da balança. A lua ainda estava alta e o sol já às 6h e 40 min aparecia emergido.

Ontem às 7 ¾ h observei um belo arco-íris formado pela lua. Recei bastante chuva, mas a noite foi belíssima e a lua debruava as nuvens de modo o mais pitoresco.

Senti descer às 11 ¼ h porém tinha de levantar-me mais cedo.

Às 9h e 18 min descobri a estrela do Norte. Coitadinha! A lua ofuscava-a e exclamei, olhando para o Cruzeiro do Sul ainda tão alto e brilhante:

O mundo há de ver um dia  
Neste céu sereno e azul  
Curvar-se a Ursa do Norte  
Ante o Cruzeiro do Sul

(Marquês de Paranaguá)

Conversei muito ontem, mas li também.

Mamãe subiu um pouco para ver o Cruzeiro do Sul.

Ontem de noite também avistou-se navio de vela ao longe na mesma direção. Perto da noite houve aguaceiro pequeno.

O prático de Lisboa chama-se Manoel Carlos Jaques e tem 77 anos.

Já tomei café na tolda e para lá volto.

O moço, que vai estudar construção chama-se Coutinho.

10 ¼ h Já deixamos pela alheta um navio de vela que víamos pela proa bastante longe.

12h e 20 min Trazem o papel. Lat. 8° 28' N. Por um mapazinho parece ser do de Serra Leoa. Estamos a 540 milhas de S. Vicente. Andávamos 11 milhas.

**4 de junho de 1871** (Domingo) — 6h Já tomei café ao portaló.

Vi às 7h e 4 min da noite o Cruzeiro e a Estrela do Norte. Aquele ainda estava bem alto.

Às 7 ½ h olhava ainda para esta, quando, segundo o ajustado, minha filha devia olhar para o Cruzeiro. Que saudades tive ainda mais do meu Rio!

Desci perto das 11h, por causa do aguaceiro, que já começava a cair.

O dia estava bem fresco depois do jantar às 4h e o vento refrescou, de modo que o navio jogou um pouco.

Conheci ontem uma aragonesita <sup>004</sup> de 10 a 12 anos muito galantina (chama-se Julia) a qual é filha da criada de uma espanhola, que dizem ter dado pancadas na mão. A ama tem cara de mau gênio e ficou sendo Medea.

A Julietta e Romeu continuam no seu doce arrufamento, pelo menos aparente.

Tenho lido, mas confesso que gosto mais de conversar e de estudar este microcosmo. Mamãe, apesar de ter ainda tosse, subiu para ver o por do sol e a lua. Antes de ontem um passageiro do Douro, que você adivinhará, glosou a quadra do Paranaguá deste modo:

Deus protege-te, Brasil;  
Teus passos à glória guia;  
A ti grande; a ti magnânimo  
O mundo há de ver um dia  
Já povo livre e potente (Os Estados Unidos)  
Te aponta a sede curul (como árbitro)  
Respeita as leis como os astros  
Neste céu sereno e azul.  
Eleva-te por teu mérito;  
Não inveja a alheia sorte;  
Se nobre, embora não venha  
Curvar-se a Ursa do Norte  
Tua fê é santa e pura;  
Não é como a d'Irminsul.  
Se o orgulho te assalta, prostra-te  
Ante o Cruzeiro do Sul.

Vou para a tolda. 9h e 20 min.

Já almocei e voltei para a tolda. Mesmo aqui vai ficando quente, mas é provável que para a cidade suceda como ontem. Viram-se poucos voadores.

Ontem vi bem a constelação do escorpião e soube então que os filhos de Gibraltar chamam-se escorpiões, tendo um passageiro natural daí, sobressaltando-se ao pronunciar eu tal nome defronte dele conforme disse, brincando o cirurgião português.

Como é domingo principiarei a leitura das Confissões de Sto. Agostinho de que tanto gosto. Não esquecerei a Histoire de St Bernard por l'abbé Rastibonne que minha filha me emprestou.

Andamos 11 milhas. 10h e 50 min.

Acabou o ofício de bordo. Foi na sala de comida, a portas fechadas e começou às 10 ½ h .

O purser (agente das malas) foi quem leu e os outros responderam assentados à roda da mesa. O pavilhão cobria um travesseiro colocado sobre a mesa. Assistiram quase todos os passageiros ingleses protestantes. Observei o que pude pela escotilha. Antes do ofício houve revista da tripulação que é de 120 homens, sendo os marinheiros quase todos saídos da marinha de guerra segundo ouvi.

Já falei ao práctico de Lisboa que me asseverou que entraríamos de manhã. É baixo e gordo, com ares bem de marujo.

6h A leitura fez que só à 1h fosse a lição de inglês e voltasse a tolda às 2 ½ h Conversei e li aí, jantei às 4h e estou de novo na tolda, tendo há pouco aparecido uma gaivota vinda provavelmente das ilhas de sotavento de Cabo Verde. Ao meio dia estávamos na altura pouco mais ou menos de Cabo Roxo.

O comandante disse-me que chegaríamos a S. Vicente amanhã, das 10 às 11h

Vi o sol mergulhar no oceano; as nuvens serviram-me vidro corado (são 6h e 25 min).

**5 de junho de 1871** (Segunda) — 6h Levantei-me às 5h e 10 min.

Já tomei banho e vou tomar café.

Desci ontem de noite às 11h e 35 min. Que luar! Apenas nuvenzinhas passaram pelo disco da lua para ainda mais o abrihantarem.

Para a tarde o vento amainou e o Douro seguia firme sob fresca aragem.

Observei a estrela do Norte antes das 7 ½ h e a esta hora, assim como o Cruzeiro do Sul, que talvez ainda se veja esta noite. Olhei para lua com binóculos e o óculo de alcance do Commander. Como saudoso lembrei-me de que a faixa luminosa, com que a lua cingia o globo chegava até lá.

Conversei bastante e o cirurgião português contou histórias das ilhas de Cabo Verde, que precisam de verificação.

A bordo tudo serve e quanto nos divertiu o caso do desembargador Costa Mota que vem de Pernambuco: Entornaram-lhe uma xícara de chá quente pelo cachaço e quando ele, espanejando-se, consolava-se de que o chá ao menos não tinha ainda açúcar para manchar-lhe o casaco, saltam-lhe em cima 3 criados a esfregá-lo com guardanapos, que ele virou-se gago. O Bom Retiro assistiu a cena e como é andejo dá notícia de tudo o que passa a bordo. Todos tem sido polidos, embora não faça eu a menor cerimônia. Eu é que aprecio a vantagem de ver os homens horizontalmente. Ai vejo pelo portaló alguns voadores, que parecem passarinhos! Vou daqui a pouco para a tolda.

O Coutinho, dando eu sinal batendo na borda do navio viu que um voador voou 17 segundos. Tem aparecido bastantes. Contou-se o vôo de dois de 8 e 4 segundos. Apareceu uma gaivota. Leio que os voadores saltam ou voam até a distância de 200 jardas (83 braças) e a altura de 20 pés ingleses.

7h e 20 min. Já vi ao longe Sto Antão. Disse-me o Bruce que passamos a meia noite a 70 milhas a O. da Brava. Sto Antão ainda parece uma nuvem que se acastela no horizonte. É bem alta. 10h e 25 min. Já tinha visto bem S.Vicente e descubro ao longe Sta Luzia.

[Desenho]

Ilha dos pássaros 11h e 25 min.

Pôs-se-lhe o nome de Ilha dos jasmins do Cabo

[Desenho]

Cara do Washington

Fundeados em S. Vicente 9 navios com o Douro.

[Desenho] Monte verde

Casinha bonita com trepadeiras que mal se animam a trepar na varanda.

Forte de S. Vicente [Desenho]

À direita da entrada

[Desenho] Segue -se a cara de Washington

Contorno das montanhas de Sto Antão

Lugar da dentada do gigante

[Desenho]

[Desenho] Ilha dos pássaros olhando de S. Vicente para Sto Antão.

1h e 10 min – Vou escrever a meus filhos, pois devem-se dar as 2, segundo disseram-me.

2 ½ h Li diários de Marselha e de Inglaterra vindos pelo vapor de Marselha provavelmente Moneur ou Auber.

As ilhas de S. Vicente e de Sto Antão do lado do S. são esterilíssimas.

Aspecto das montanhas muito curioso.

O Monte Verde talvez seja assim chamado por ser menos pardo escuro ou avermelhado e amarelado do que os outros. Assim mesmo vi algumas tristes matazinhas ao dobrar a ponta da ilha e manchas de musgo esbranquiçado.

Há bastante areia que rijo vento está tornando em nevoeiro.

Pouco depois de chegados vieram dois escalares, um dos quais com o cirurgião da armada portuguesa residente em S. Vicente. É gordo de cabelos longos anelados e vende saúde. Desceu o imediato e apresentou-lhe a carta de saúde como lemos pelo binóculo. Ansiedade geral! Disse-nos adeus e bandeirinha amarela içada.

Estamos presos até 6h que seguimos viagem, conforme ouvi ao comandante.

No outro escaler apareceu o Miller, cujas duas casas uma com a bandeira inglesa alvejam graciosamente nestas alturas. Recebeu cartas e diários e foi-se. Só chegam as alvarengas com carvão e esse serviço é terrível para ouvidos e olhos dos passageiros.

Veio há pouco numa grande selha de que os trabalhadores comiam aos punhados uns grãos na água, que pareciam de bico, mas eram de milho – como inchou!

Os negros falam um inglês que lembrou-me o de que aparece no “Espião” de Cooper.



Que pena que os negrinhos não venham apanhar moedas no fundo do mar!

A ilha tem de 1500 a 2000 habitantes. Sto Antão é habitada do lado de fora e exportou o ano passado café no valor de 80 contos fortes. Contudo sempre lhe lobriguei duas casas no sítio chamado Tarrafal.

Venta bem rijo do Norte. Teremos dança de noite. O cimo do Monte Verde está coberto de nuvens.

À esquerda do fortim olhando para este. 5h **[Desenho]**

Jantei às 4h Vieram antes as autoridades de terra e mandaram sua congratulação com sobrescrito para o Senhor Imperador do Brasil e na qual dizem que gira o sangue de meu Pai nos meus canais arteriais e venais. Agradei da borda e disse que sentindo não ir a terra, por causa da quarentena teria o prazer de desembarcar na volta.

Deram um tiro para vir a mala.

Notei nas montanhas manchas vermelhas que parecem de ferrugem. Há de ser difícil, mas bonita uma aquarela da ilha.

Um navio dinamarquês tem içado a bandeira brasileira. 6h

O sol tem esclarecido a ilha e vê-se bem tudo. Tem bela casa da câmara com escola em construção; o hospital fica ao pé; segue-se lateralmente o quartel parece bom e novo; junto a praia a alfândega e ainda mais para o lado do fortim há no morro a casa do cônsul Miller que a bandeira inglesa e junto ao mar quatro trapiches com ponte do Miller. Para a extremidade oposta à direita de quem olha e longe da povoação vêem-se na baixa mais de 6 árvores bem copadas e em cima, na encosta um edifício. O cirurgião Magalhães disse chamar-se o sítio Madeiral e que o Miller não sei se pai ou filho – o que vi no escaler é o filho – tinha mandado vir sem proveito terra de Sto Antão para plantá-la.

A urgela colhe-se do outro lado da ilha e o prático de Lisboa disse segundo creio, que a ilha tem 400 cabeças de gado.

A disposição das camadas das ilhas de S.Vicente e de Sto Antão convergentes para o mar entre elas e a aridez desse lado das ilhas faz-me supor que estamos fundeando em antiga cratera que o mar ocupa.

Uma chalupa vai saindo.

**6 de junho de 1871** (Terça-feira) — 6h e 5 min.

Já tomei banho e café.

O vapor jogou um pouco, também saímos depois das 6h com vento fresco de S. Vicente.

A lua mostrou-se tarde por causa das nuvens.

Vi bem a Estrela do Norte e o Cruzeiro do Sul, que não sei se enxergará ainda esta noite.

O vento continua fresco e vejo o mar encachoeirado pelo portaló.

Vou subir com o meu S. Bernardo.

Tomara já chegar a Lisboa! É muito mar e muito céu!

Esqueci-me dizer que vi em S. Vicente uma casa com a palavra Hotel, que disse o Magalhães ser de Franca.

A distância entre S. Vicente e o porto mais próximo de Sto Antão é de 9 milhas, mas os pontos mais chegados das duas ilhas não parecem distar entre si mais que o Rio e Niterói.

7h e 10 min. O vento tem refrescado e joga sofrivelmente o vapor, mas eu vou bem. O meu relógio ainda está certo pelo de bordo.

É enfadonho ter de adiantar o ponteiro à medida que diminui a longitude ocidental.

Disseram-me ontem quando eu visitava de óculo a povoação de S. Vicente, que uma casa de janelas e portas grandes é teatro.

O cirurgião português como não gosta de Mr. Salis, que é um dos signatários da congratulação aproveitou as bernardices de que eu falei e escreveu nesse sentido para terra. Eu conversando com ele desculpei-os da congratulação, mesmo para que não se pensasse a bordo que eu sou escarninho. Esse Salis nasceu na Suíça e serviu na guerra de meu Pai com D. Miguel.

O grande escândalo do nosso Dr. Magalhães parece ser o ter Salis sido duas vezes reformado e contudo ainda estar empregado por nunca deixar de alegar esses serviços, aliás muito relevantes. Por fim mostrou-se contente por lhe constar que ia ser nomeado para o cargo do Salis um moço do arquipélago de Cabo Verde, chamado Opfer, que Magalhães acrescentou ser muito hábil.

Nem voadores tem aparecido e receio vá resfriado e ventoso além da monotonia da cena. 8h e 50 min.

Andamos 9 milhas. 3 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> h

Almoço às 9h

Tornei a subir e li.

Lição de inglês com o Bom Retiro de 12 ½ h às 2h

Conversa e agora vê-se navio de vela, que se aproxima por estibordo. O Comander trouxe o ponto do meio dia e disse-me que avistaria à meia noite de 5ª feira vendo-se às 5h da manhã de 6ª feira.

Andamos ainda 9 milhas e o vapor focinha sofrivelmente.

É inglês o navio e fez sinal.

**7 de junho de 1871** (4a. feira) — 6h Banho tomado e vou tomar café.

Ontem no resto da tarde e da noite jogou bastante o vapor.

Bastantes nuvens no horizonte e o sol pôs-se espeguado (com muitas réstias de luz descendo até o mar). Vi ainda um pouco alto o Cruzeiro.

Como o vento me resfriava um pouco desci às 9 ½ h Que noite comprida! – Fui borrifado pelo mar ao portaló.

Subi para a tolda. 6 ½ h Disseram-me ter visto voador e que andávamos 10 milhas.

12 ½ h li, conversei, às 9h almocei, tornei a ler e a conversar e há pouco recebi o ponto, cuja latitude só se obteve por estimativa. A latitude é de 22° 11' N. e a declinação também é de pouco mais de 22°. Vento N. porém não joga tanto como ontem.

12 ¾ h Atiraram 6 garrafas ao mar lacradas contendo cada uma: A borda do Douro – Boa Viagem ou Graças a Deus vamos bem – Lat. 22° 11' N. Long. 21° 19' O. Or. e 7 de junho de 1871. Ao meio dia. Assinadas por D. Pedro d'Alcantara – Teresa – Josefina etc. – Barão de Bom Retiro – B. d'Itaúna – Nicolau e Maria Francisca e filha.

Vou daqui a pouco para a lição de inglês. 3 ¾ h Interrompi a lição para ver um navio de vela inglês, que passou perto, por bombordo e fez sinais. Como ia depressa em direção oposta a nossa!

O Boreas tem-nos amofinado e creio que não desinchará as bochechas até Tenerife.

Terminei a lição às 2 ½ h e tenho estado a ler Byron para variar.

5h e 40 min.

Às 4 jantei. Depois tenho conversado onde o Dr. Magalhães e um Brito português, noivo da filha do Guimarães tem feito ginásticas andando sobre uma só tábua da tolda ou com um pé só etc.

Andamos 9 ½ milhas. O vento é menor e joga muito menos que de manhã.

**8 de junho de 1871** (5a. feira) — 6 ¾ h Já tomei banho e café.

O vapor joga um pouco mais. Desci ontem às 10 ¼ h

O Cruzeiro quase molhava o pé. Noite linda. Parece-me ter visto Saturno para S. E. não muito longe do Escorpião.

7h e 5 min. Acabo se subir para a tolda, tendo explicado astronomia ao Itaúna.

Disse-me o Tabatinga que andávamos 10 milhas às 6h O vento está fresquinho.

9h e 50 min. Almocei às 9h e já estou outra vez na tolda.

Andamos 10 ¼ milhas.

O Coutinho chama-se Antônio de Abreu etc.

Parece inteligente, mas devera ter mais princípios para poder logo aproveitar mais a Inglaterra.

12h e 35 min. O Comander trouxe o ponto. Lat. 25° 31' cerca da altura do Cabo Bojador. Havemos de chegar à extremidade S. de Tenerife por volta da meia noite e estaremos à vista da ilha das 6 ½ h até 11h da manhã. Chegaremos a Lisboa 2ª feira cerca de meio dia. 4h

Lição de inglês de 12 ¾ h a 2 ¼ h

Andamos 10 ½ milhas 6h e 5 min. Voltei breve. Tenho passeado sofrivelmente pela tolda e o tempo está magnífico.

Avista-se navio no horizonte.

É de vela e está muito longe.

6 ¼ h Subi ao passadiço. É brigue a 8 ou 9 milhas de distância, vem para cá, mas talvez só passe a 6 milhas. Tudo isto disse-me o chief officer Bruce.

O sol espequado. Gaiyota grande provavelmente das Canárias (6h e 25 min). O sol mergulhou como um balão de fogo por entre nuvens às 6h e 51 min.

**9 de junho de 1871** (6ª feira) — 9 ½ h Já almocei e tornei a subir.

Ontem de noite admirei o efeito da ardentia, sobretudo à proa, onde parecia-me ver um campo de lírios cravejado de pirlampos.

Julgo que descobri, apesar das nuvens, às 9h a estrela da cabeça do Cruzeiro.

Por ameaçar aguaceiro e já chover desci pouco depois das 10h Levantei-me antes de 3h e subi. Que belo luar! Saturno podia ser muito mais observado, mas estava incomodamente alto.

Comecei a ver o vulto majestoso de Tenerife (a Nivalia ou Pluvialia das ilhas Afortunadas) às 3 ¾ h e passei pelo farol de Anaga, ponta de N.E às 8h e 35 min. Tirei os croquis, que pude. A ilha é tão vulcânica que até se vê vestígio de lava, que numa encosta chega quase até o mar, com a singularidade de ser o terreno intermediário bem verde, descobrindo-se um canavial quase no vértice de duas antigas correntes de lava; únicas que pude reconhecer claramente. A ilha é muito cultivada e tem pinheirais, em certa altura e sobre as montanhas grandes árvores, que pareceram carvalhos, ou sobeiros. Observei bem o pico e certa parte branca não era senão terreno arenoso. A muralha, que cerca a cratera, a qual está inativa, desde o fim do século passado, mostrava suas fendas e tanto ao luar, como principalmente com o reflexo do sol, enlevou-me. Tem 12.183 pés ingleses de altura e há cavernas onde se conserva a neve todo o ano. Senti que não me fosse possível conhecer Guaajara (pico de 8903 pés ingleses da muralha da cratera e o Alta vista (ao lado do grande pico de 10.702) onde em 1856 o diretor do observatório de Edinburgo, Piazzi Smith, fez suas pesquisas astronômicas e físicas tão interessantes. Também há a Montanã Blanca e o Chajorra, que não fico conhecendo. As encostas das montanhas são todas rasgadas pelas torrentes e muitos dos sulcos vem até a costa.

Até Sta. Cruz avistei 7 povoações e algumas grandezinhas, assim como muitíssimas casas, quase tudo, pouco mais ou menos, na altura do terço inferior das alturas, como se seguissem um caminho circulando a ilha e, com efeito, vi paredes e o vão de uma ponte.

Sta. Cruz, cidade de 13.000 e tantos habitantes é muito bonita e alegre – casas quase todas de sotéia e algumas grandes – suas torres bem altas. Contei 7 moinhos de vento e alguns em movimento – perto da cidade – o que me lembrou que estava em águas da pátria de D. Quixote.

Há 5 fortificações no porto, onde ancoravam bastantes navios, entre os quais 2 vapores de guerra espanhóis. Passada a cidade ainda vi 2 povoaçõeszinhas: um convento – segundo disseram-me – com sua cruz de pau – no alto de um penhasco – e enfim o farol da ponta de N. E. – de Anaga – cujo aspecto pareceu-me melhor que o de Cabo Frio.

A população da ilha é de mais de 80.000 habitantes. Sinto que nossa desrota não nos deixe avistar Orotava do lado oposto e não visse mesmo de longe a Gran Canaria, que nos ficou à direita.

A cochinchila é agora grande gênero de comércio de Tenerife e não sei quem fez o 1º tenente Lobo crer que certas manchas vermelhas do terreno provinham da cochinchila, pois dá esta cor encarnada. Expliquei-lhe o seu engano e ficou algum tanto corrido. É moço inteligente, mas quer mostrar muito depressa o que julga saber. Esteve 5 anos no Paraguai.

Havia bastante gente num cais de Sta Cruz, talvez admirada da passagem do vapor que não costuma por aí passar.

Hei de procurar fotografias de Tenerife na Espanha.

Li que em 1865 começaram a construir 2 molhes extensos para abrigo dos navios, mas pelo que pude ver, penso que a obra parou.

12h e 20 min. Andamos 10 milhas e pelo ponto devemos estar em Lisboa a 12 entre 9h e 10h da manhã. Lat 29° N.

Disse-me o Simões que nesta viagem que a despesa por dia com alimentação e carvão é de 232£ das quais 62 com a alimentação, que é boa porém mal feita em geral, segundo ouvi geralmente.

O carvão recebido em S. Vicente não é bom.

4h e 20 min. Já almocei e bem. Li antes e conversei na tolda.

Mamãe gosta mais de estar lá em baixo e as vezes assim é prudente por causa do tempo que tem resfriado bastante.

O vento é contrário e fresco e só botamos 9 milhas.

Viram-se 2 pássaros pretos, que pareceram gaivotas pequenas.

**10 de junho de 1871** (Sábado) — 7h e 20 min. O sol pôs-se ontem quase claro às 7h e 7 min.

Mamãe esteve um pouco na tolda.

A noite foi nublada e nem as patas do Centauro pude descobrir.

Havia bonita ardentia na popa.

Desci às 10h e 40 min. Levantei-me pouco depois de 5h, tomei banho, café e escrevi o que tenho de dar ao Lisboa em Lisboa para saberem que quero viver como particular, e transmitir em telegramas.

Já tinha subido antes à tolda por causa de um vapor que vinha bombordo e o Bruce disse-me julgar ter saído de Lisboa e pertencer à linha da Bélgica e Londres, ou a de Glasgow; antes a primeira. Vê-se bem um navio de vela, ao longe, por estibordo, que segue conosco.

O comandante disse ontem que chegaremos à barra de Lisboa depois de amanhã das 5h às 6h da manhã e para não entrar de noite ouvi que diminuiria a marcha do vapor.

Andava ontem a noite 9h ½ milhas [sic].

O mar tem estado muito bom e o vento não incomoda, apesar de fazer fresco. Estas noites tenho sentido frio, mesmo no camarote.

10h Almocei às 9h O vento já enche uma vela.

Andamos 9 ½ milhas.

Há a bordo 4 passageiros que são muito parecidos - o physician com o senador Silveira da Mota, ao menos no nariz; o negociante Gasparzinho com o Paranaguá, menos os óculos; outro com o senador Teixeira de Souza (de longe) e o quarto, lojista português do Recife com o Ministro de Portugal no Rio, Matias de Carvalho, até na voz.

Antes de ontem disseram que iam rifar um papagaio, mas o bicho tinha morrido – coitado!

Vou principiar o 2º volume da vida de S. Bernardo. Tenho lido muitas outras coisas, sobretudo em relação a lugares vistos durante a viagem e fenômenos marítimos. Muito me tem servido uma enciclopédia inglesa publicada em 1868 que me deu de presente e mandou por a bordo o Dr. Gunning da estrada de ferro. Já lhe encontrei-lhe [sic] faltas.

Achei a filha do Guimarães lendo os *Cuentos populares* de Trueba; cuja leitura tem me divertido bastante.

[Desenho] Julieta abismada na leitura de St. Clara

[Desenho] Anel que Romeu deu a Julieta.

11 ¾ h Pouco depois das 10h um inglês ou americano deu choques com uma máquina eletro-magnética, mas era fraca e apenas senti formigueiros mais ou menos intensos.

Depois fui com o comandante e o maquinista ver a máquina. Dizem que é de 500 cavalos nominais e 2000 efetivos. São duas máquinas. Perto da galeria das fornalhas o calor é de 87º Fahr. A água que sai do condensador não marca sal nenhum no areômetro e a do mar disse-me o maquinista marcar ordinariamente 10º variando de 1º nos diferentes mares – Máquina etc foi feita há 6 anos em Greenock, na fábrica de Carr, se bem ouvi.

Andamos 10 milhas.

Arejam a água destilada de 4 em 4 horas. 1h

Vou para a lição de inglês. Li Truels. O comandante trouxe o ponto. Lat. 32º 34'. Long. 13º 32'. Estamos cerca da altura da Madeira e mais perto de Marrocos que Lisboa.

2 ½ h Voltei para a tolda.

Navio de 2 mastros no horizonte por bombordo em direção oposta. Disseram-me que durante a lição apareceram 2 outros em direção oposta. Amiudam-se agora, como é natural.

6h e 8 min. Jantei às 4h e voltei para a tolda, onde se está muito bem.

A Julieta tem conversado hoje e disse-me que tinha nascido em Mata cães perto de Vassouras. Chama-se Mariana Guimarães e é filha de português, homem de negócio e de mãe nascida em Iguaçú. O marido Joaquim Pereira Guimarães, nascido em Guimarães, tem negócio.

6h e 37 min. Mamãe subiu para tolda. Tarde magnífica. Vou ver o por do sol.

**11 de junho de 1871** (Domingo) — 5 ¾ h Já tomei banho e vou tomar café e escrever.

7 ½ h Chamaram-me para ver uma baleia. Nada vi já, mas o Bruce disse-me que ela jorrara a 3 ou 4 milhas por estibordo.

O sol não se viu ontem mergulhar, mas uma nuvem figurava perfeitamente um coelho assentado por cima do sol.

A noite esteve mais clara que a de antes de ontem. O escorpião quase que enrosca a cauda no mar. Parece-me que vi bem Saturno.

Desci às 10 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. 8h Desci para tornar a escrever e de novo chamado por causa da baleia, que jorrou mais duas vezes, corri e nada tenho visto do passadiço, onde traço estas linhas.

Venta de O. e o Bruce diz-me que é vento de chuva, que talvez caia logo mais.

9h 50' Já conclui a correspondência a remeter de Lisboa onde acrescentarei algum *post-scriptum* e almocei.

Subi para a tolda e leio o 2º volume de S. Bernard. Tempo fresquinho e as nuvens parecem desfazer-se.

Andamos serenamente, 9 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> milhas.

Vou passear como já o tenho feito estes dias a passo largo.

12 <sup>1</sup>/<sub>4</sub>. Chuva conosco. Ponto trazido pelo comandante. Lat. 36º 27'. Long. 10º 48' O. Distância de Lisboa 160 milhas (16 horas). Penso que só por estimativa é que se determinou a posição astronômica do vapor.

2 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. O vento tem refrescado e chovido, mas pouco.

Viram-se dois pássaros.

Vi no mapa, estamos pela altura do estreito de Gibraltar.

3h Andamos 11 milhas. O vento vai rodando para N.O. e o tempo melhorando.

Agora diz um oficial que estamos na altura do Cabo de S. Vicente. O oficial chama-se Charles H Hanslip e tem por vezes conversado parecendo o terceiro a bordo.

6h 25'. Desci por causa do aguaceiro.

Às 5 fui jantar à mesa redonda tendo o comandante, no fim do jantar, feito nossa saúde tomando-se café depois dele, vim agora para a tolda, onde o vento está algum tanto resfriado, ameaçando aguaceiro.

7h 10' O tempo parece que melhora. Andamos 6 milhas, para não chegarmos a Lisboa à noite.

**12 de junho de 1871** (2a fa.) — O tempo esteve frio e descí pouco depois das 9. Antes de descer vi um navio de vela por bombordo, que vinha.

Conversei até 11h Levantei-me à 1h e a 1h <sup>1</sup>/<sub>2</sub> vi os faróis da Roca-girante – o de S. Julião – o do Bugio girante – uma luz à direita deste que o prático disse ser do navio – e o de Espichel – tudo contando de bombordo para estibordo. 4h 5' descí; conversei e tornei a subir – 24 navios de pesca – bonita esquadilha ao longe – vem de Caparica.

Vêem-se bem o cabo da Roca por cima do Raso e do lado estibordo o de Espichel. Vêem-se um vaporzinho e um navio de vela do lado do cabo raso. Avista-se o farol da Guia com binóculo.

**[desenho de navio]** Uma muleta.

4 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> Avista-se a serra de Sintra. 4 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. O sol vem receber-nos à foz do Tejo.

Já vi Cascaes. O Bugio e sobre a montanha o zimbório da Estrela destacam-se no resplendor do sol.

**[Desenho].**

5h 10' Salva. S. Julião por defronte do qual passamos, ficando o Bugio a estibordo.

11h 12' Estou no lazareto. Uf! Custou-me a desvencilhar-me das cerimônias, mas tudo correu bem. Vieram primeiramente o Lisboa e família. Porto Alegre, Marquesa de Cantagalo e filhos, etc. Dei-lhe as cartas e telegramas e recebi as que ele me trouxe. Antes havia aparecido o oficial de marinha João Batista de Andrade, o qual oferecia a corveta Estefânia para minha quarentena. Respondi que minha viagem é de caráter particular e que não aceitava exceção para mim. Finalmente chegaram o Fernando, Augusto, Campanhã, etc., e falei bastante com aquele.

Ando com a cabeça tão atrapalhada que esquecia-me referir que meu genro Augusto apareceu-me com o Lisboa e está no lazareto conosco, o que causa-me grande prazer. Depois de todos chegaram D. Luiz, Maria Pia, ministros, dos quais o Ávila pareceu-me um pouco de embófia, Ficalho (Marquês) que tem fisionomia muito simpática e na sua alegria disse-me que eu pouco diferia em feições do que ele vira-me há 40 anos no Rio de Janeiro, onde morava na casa do Targini à rua do Riachuelo – ficou de vir visitar-me no lazareto e de ir ao Porto comigo, onde acompanhou meu pai no cerco dessa cidade etc. O Campanhã também companheiro de meu Pai na guerra mereceu-me especial atenção e disse-me que fazia 80 anos nestes 2 meses. Está muito forte. Por fim ainda tornei a falar ao Lisboa dizendo-lhe que nada mudava de minhas resoluções e às 10 vim para cá no escaler da Estefânia, com seu comandante o Batista de Andrade.

Parece-me o lazareto excelente edificio. Sobe-se a esta espécie de palácio por diversos lanços de escada com 52 degraus e rampas. A vista é belíssima.

O Fernando já respondeu-me e eu escrevi-lhe no mesmo tom. Há de vir logo conversar comigo.

Colhi florezinhas numa das rampas.

Vi uma fotografia de meus netinhos que estão lindíssimos.

Como o José lembra sua mãe!

A vista é com efeito belíssima, mas cada vez que reparo mais nela sinto a calvície das montanhas.

Escrevo numa sala onde estão pintados meu Pai – que retrato! – e outros homens notáveis de Portugal.

**[desenho de edifício]**

É um hexágono de que desenhei um lado.

**13 de junho de 1871** (terça-feira) — 1 da tarde. Ontem foi dia de muita confusão. Vieram o Luiz e o Fernando ao parlatório particular de baixo e conversei sobretudo com estes muito tempo. O Luiz não me agrada de fisionomia e modos – parece – Fui interrompido...

**14 de junho de 1871** (4a fa.) — 4h ½ da manhã (bem claro) – ter pouco assunto.

O Fernando é muito fanhoso e lento na fala, porém seu olhar revela a inteligência, que se descobre melhor na conversa.

Estes edifício pode admitir 700 pessoas e até pela forma de hexágono é um cortiço de abelhas. Há oratório no corpo concêntrico, onde também vem o geral das pessoas falar aos quarentenários, que estão por detrás de grade de arame afim de nada poderem lançar fora.

Come-se bem, embora estes serviço seja irregular e as camas também são boas como os quartos.

Na tarde e parte da noite de 12 houve música do 5º de caçadores e da Estefânia. A primeira toca muito bem e seu regente é o Croner que esteve no Rio.

Às 10 tomei chá com minha comitiva na sala dos retratos dos heróis.

Por causa da agitação nada dormi e levantando-me ontem (13) às 5 ¼ tomei banho, escrevi para Lisboa e o Rio e depois fui passear fora de casa no terreno correspondente ao meu lado do hexágono. Que linda vista!

Na noite de 12 gozei de uma sala do andar térreo, que é comum, dos fogos da véspera de Sto. Antônio, estando a Estefânia muito lindamente iluminada assim como um vapor, que andou tocando o hino brasileiro e soltando foguetes e vivas por defronte do lazareto.

Depois do almoço que se seguiu à missa ouvida da gaiola do locutório – que alguém chama interrogatório – geral conversei e olhei para Lisboa, cujo panorama do Ginásio do Rio é muito semelhante.

Já conheço bem muitos lugares interessantes.

Li também o que pude apanhar ou me mandaram.

As conversas com os Ficalho pai e filho, que é substituto de Botânica da Escola Politécnica e muitas informações me deu a respeito desta e do movimento científico e da instrução pública falando-me o pai do Rio, onde esteve em 1830 e prometendo-me procurar o soldado talvez ainda vivo, que meu Pai abraçou na hora da morte e com casal Ribeiro, que pelo físico e talento chamarei um frasquinho de espírito e o visconde de Algés adjunto do procurador da coroa, que muito me disse a respeito das justiças neste reino interessaram-me sobremaneira.

Casal Ribeiro descrê da política e faz vinho perto de Alemquer, na Crujeira, assim como azeite o Alexandre Herculano<sup>005</sup> em Val de Lobos perto de Santarém. Tanto o Casal como o Algés são amigos de Herculano e ficaram de escrever-lhe exprimindo-lhe o desejo que tenho de conversar com ele em Lisboa antes de eu seguir para Espanha.

Também estive no locutório geral Sá da Bandeira que é um velhinho respeitabilíssimo. Convidei-o para o Porto. Antes de jantar cá estive no locutório particular o Augusto, que trouxe-me carta e fotografias da parte do Fernando e o Luiz interrompeu-me o jantar; – isto é fez-me levantar da mesa, onde todos aguardavam a comida, que mesmo depois de eu voltar, tardou.

O Luiz pareceu-me o mesmo.

O Augusto é a voz do pai e tem testa muito estreita.

Aquele já vai se acomodando a respeito de minha ida para hotel. Depois do jantar música ouvida da gaiola. A do 5º tocou lindas músicas e vai aprender a Palomita. A de bordo da Estefânia – a Marangana assim chamam aqui uma banda pequena de instrumentos metálicos – já tocou de noite a Palomita só de ouvi-la ao piano do Lazareto. As meninas dançaram duas contradanças numa das salas inferiores e depois do chá retirei-me perto das 11.

Li ontem as Miniaturas, poesias do pernambucano Crespo, que estuda em Coimbra. Tem talento e a poesia “O Rosário” é muito linda.

Foi Porto Alegre que veio no dia 12 ao locutório com o Lisboa e família que tornaram ontem quem me mandou o livro.

Vi ontem no locutório comum o irmão do Testa, meu companheiro de viagem e a mulher daquele, bela italiana filha do Conde Bobbone, que foi aqui Ministro da Itália. O Testa (irmão) que tem sido deputado mandou-me pelo meu companheiro de viagem dois folhetos políticos que ele publicou.

O locutório ontem de tarde estava apinhado, provavelmente para verem-me na gaiola e todos me tratam quase que com afeição.

O venerando Sá da Bandeira achou-me muito parecido com meu Pai.

Não sei quando sairei desta prisão, que só me atormente, por ver somente de óculo Lisboa e não ter exercício senão nestes corredores e escadas.

Vou falar ao meu Augusto e tomar banho.

6h  $\frac{1}{4}$  Depois de beber café fui com o Augusto a um dos terraços superiores. Não tem quase vista por causa das divisões. O administrador da saúde disse-me que o edificio levou-me 5 anos a fazer e custou mais de 900 contos fortes podendo receber de 600 a 800 pessoas. Havia tenção de anexar-lhe o terreno da Asenha para jardim ou lugar de passeio.

O capelão só vem dizer missa e se comunica agora conosco é por ordem do governo ficando por isso também de quarentena. O capelão toca piano sofrivelmente e ontem à noite executou a Saloia dá etc. logo que se lhe pediu.

**15 de junho de 1871** (5a fa.) — Ontem de manhã tive a visita de muitas pessoas entre as quais o Dr. Antônio Henriques Leal, que está paralítico do lado esquerdo, mas assim mesmo anda de bengala. Deu-me muitas informações sobre o movimento literário e homens de letras sobretudo de Lisboa, bibliotecas, etc.

O visconde de Menezes que falou de belas artes e da sua escola em Lisboa, onde há quadros do Grão-Vasco e indicou-me 4 do Sequeira, que se acham em casa do Duque de Palmela – O Visconde estudou viajando 3 anos pela Itália e é presidente da Junta de Crédito Público – o arquiteto Possidônio com o Porto Alegre, com os quais falei de monumentos dizendo-me aquele ter criado um museu arqueológico e que não se sabe bem onde estão as cinzas de D. Maria 1<sup>a</sup> na Estrela, o caixão não tendo cabido no mausoléu que se fez, e o qual indica o que não contém, e que em Alcobça os frades em desforra de um abade severo enterraram numa passagem de modo que esta já tem gasto quase todo o nariz do baixo relevo da campa, representando o abade.

O Fernando veio e falamos longamente.

Também vi o Bolama <sup>006</sup>, régulo <sup>007</sup> de Bijagós, com outros ministros e membros da Academia Real de Ciência de que o Bolama <sup>008</sup> é presidente.

Entre eles veio Soromenho, professor de árabe, que emprezei para larga conversa hoje; trazia o penduricalho de ouro ao pescoço, como o fazia no Rio o infeliz Castro que matou a mulher.

Depois das 5 estiveram o rei e a rainha e os filhos, que são lindíssimos. A Rainha assenta-se que parece padecer da moléstia dos homens sedentários. Não gosto da cara dela, mas tem sofrível corpo e revela inteligência, embora não haja saca-rolha para fazê-la falar um pouco mais.

A música da associação dos cegos da Casa Pia e a do 5<sup>o</sup> tocaram bem sobretudo esta, que executou muito bem a Palomita. Verei se toca também As noites de Luque.

O Croner ofereceu-me uma música composta por ele e que se há de executar esta tarde.

Às 9  $\frac{1}{2}$  chá e quando dançavam retirei-me, passei no terraço com o Augusto; li ainda e dormi depois de meia-noite. 8h  $\frac{3}{4}$ .

Tomei banho às 5  $\frac{1}{2}$  depois de falar no terraço com o Augusto, café; passei fora de casa, olhando de binóculo para Lisboa, ou lendo uma brochura do Carlos Testa, professor de direito internacional da Escola de Marinha, em defesa do Papa.

Antes de sair escrevi para Lisboa e para Inglaterra. Soube que o cirurgião Magalhães é casado e tem filhos.

O Luiz prometeu-me trabalhar para que cantem à minha volta. O Profeta e o Guarani e representem no teatro de Maria 2<sup>a</sup> “O Gladiador de Ravena”.

O Taborda só tem 3 meses de licença, portanto ouvi-lo-ei à volta.

9h  $\frac{1}{4}$  Acabei de ouvir missa.

**16 de junho de 1871** (6a fa.) — 6h ½ Já tomei banho, café e escrevi para Lisboa.

Ontem tive as visitas dos Castilhos pai e filho recitando-me estas lindas poesias de que mandar-me-á cópias. Aquele, que está bem abatido, cuida agora da tradução das Fourberies de Scapin e prometeu-me fazer representar à minha volta “O médico à força”, onde brilham o Taborda e mulher. Diz que nada há de notável modernamente na literatura portuguesa.

Veio o Soromenho que estudou com o Gayangos em Madrid. Deve-me uma fotografia de Herculano, verdadeiro lapuz e referiu-me o que se passou aqui quando Herculano desgostoso e à vista da minha carta, queria ir para o Brasil. Soromenho ensinava árabe no Liceu, assim como, segundo ele me disse, era professor de hebraico um judeu Saraga, que está muito mal de saúde, mas tem um filho muito versado na Bíblia que há de vir conversar comigo.

Pela reforma dos estudos esses professores não ensinam mais essas matérias.

Há 2 sinagogas em Lisboa, uma de puristas e outra de reformistas.

Referiu-me a história do padre Saraiva que é para ele impostor. Ficou de mandar-me livros sobre o árabe. Recebi também o Loulé – belo homem mas de olhar pouco leal – parece-se no geral da fisionomia e metal de voz com o Caxias. Lembrou-se do Cabral, de quando serviram no Rio no regimento de cavalaria.

O Luiz e o Augusto estiveram cá com o Viale, que tem conversa interessantíssima e recitou-me versos – não dele – muito bonitos – e o Dr. Magalhães Coutinho professor de portos da escola de Lisboa muito instruído e cheio de espírito. Ri como há muito não o fazia infelizmente.

O Luiz falou bem de moedas etc. que tem na Ajuda e disse-me que as Antigüidades descobertas em Setúbal não são de grande importância. O Augusto deu-me carta do Fernando.

No resto da tarde à noite houve boa música do 5º e o Croner tocou muitíssimo bem saxofone.

Chá às 9 ½, conversa e antes de 11 ¼ dormia eu.

Vou sair um pouco.

O tempo, que amanheceu chuvoso, melhorou. O Dr. Forbes trouxe-me livros entre os quais a tradução do “Gladiador de Ravena” e o Dr. Leal mandou-me quase todos os prometidos. O Viale ficou de mandar-me uma tradução ou imitação dos Cantares e Lamentações de Jeremias por João de Deus, que ele gaba muito. O autor ouvi que se acha preso no Tejo por crime de imprensa, é redator do Raio.

**17 de junho de 1871** (sábado) — 7h 10' Já tomei banho, café e escrevi para Lisboa.

Está chovendo tendo começado ontem de manhã o mau tempo. O Tejo não convida a passá-lo.

Ontem tive as visitas do Ministro francês, Conde St. Amand, que pareceu-me bom homem e ficou de telegrafar ao Gobineau sobre minha chegada a Bordeaux; da diretoria da Associação Comercial de Lisboa; da Câmara Municipal desta cidade, do Visconde de Menezes com a mulher, que parece-me bastante pretensiosa sem ter de que e de Mendes Leal com quem conversei largamente sobre literatura e bibliotecas. O Esmeraldo de Duarte Pacheco, manuscrito da biblioteca pública parece ser muito curioso. Não conhece o códice da Divina Comédia de que falou-me o Viale e diz estes julgar-se escrito pelo filho de Dante. Ficou de procurar-me letra de Camões para eu compará-la com a do Luis de Camões seu dono do exemplar que tenho da 1ª edição dos Lusíadas. Disse-me que talvez fosse para o Brasil ser brasileiro e com todo o ar de convicção. Tirei-lhe isso da cabeça. Prometeu-me versos dele que ainda não li.

O Luiz veio antes de meu jantar e trouxe fotografias da mulher.

O conde da Alcaçovas trouxe-me depois do jantar carta do Fernando, que não veio por causa do tempo. O conde é primo de José de Vasconcelos e genro do velho duque de Palmela. Deu-me notícias de Maria de Vasconcelos que criou meus sobrinhos. Está doente. Perguntei-lhe por uma senhora Amélia de Figueiredo, que procurou-me antes do almoço e contando-me uma história de nascimento que talvez seja invenção. Chorou muito chamando-me meu amor e lamentava-se até de que uma senhora idosa, sua protetora e que a acompanhou de Lisboa caíra na subida do lazareto e quebrara um braço. O Alcaçovas disse-me que só conhecia a moça como afilhada dos duques da Terceira e que julgava-a recatada.

Ouviu-se música no locutório geral; li as Parietárias livro de poesias de Candido de Figueiredo, que é moço de talento; tomou-se chá às 9 ½ e às 11 já dormia.

Levantei-me antes das 5 ½. 7h 37' Que tempo ruim! Não pude sair. Vou passear pelos corredores.



Ontem depois do almoço fui ver o terraço geral e para isso saí do lazareto, mas sob a vigilância imediata [sic] do administrador que era de arrebanhar de riso ver como corria de nós e afastava os outros.

Há bastantes moinhos nos morros próximos e vê-se uma garganta que conduz à fonte santa – mas não boa digo eu – que dá água potável para aqui e a casa da bela vista, que eu chamei Quinta da Boa Vista.

Vi um campinho de trigo que ondulava bem amarelinho com o vento e 3 ceifadores que o cortavam. Há vinhas e batatas assim como um milharal. A quinta da Azenha e do lazareto; mas não se fez o jardim.

8h 40' Que tempo frio e úmido! Vi um bonito arco-íris há pouco. Torno a passear pelos corredores, lendo também.

**18 de junho de 1871** (domingo) — 6h 40' Levantei-me às 5 ½.

Não passei bem do estômago e intestino. Já escrevi para Lisboa e o Rio – sai vapor amanhã - e tomei café. Ontem tive entre outras visitas menos importantes as do nuncio ou internuncio, arcebispo de Damietta muito risonho e esperto, que não se saiu de querer [sic] sustentar que as idéias liberais são incompatíveis com a ordem – falei-lhe segundo o que penso e sempre com o respeito e estima que eu tenho pelo Papa; o encarregado de negócios interino inglês Dória, com quem me entendi muito bem em inglês – gosta de astronomia e disse-me que havia eclipse de sol invisível na Inglaterra, mas talvez visível aqui, sem contudo saber a hora do fenômeno ontem. É filho de italiana e o pai de família escocesa Campbell.

O Conde de Bradenburgo, Ministro da Alemanha muito agradou-me na sua conversa. Está aqui há 6 anos e aprecia muito a tradução da 1ª parte do Fausto pelo Castilho. Vieram também o Inocêncio Francisco da Silva e falamos longamente sobre dicionários e publicações literárias. É pouco mordaz. Contou-me que os dicionários são muitas vezes como o de Moraes, que aliás julga será por muito tempo o único, o qual traz abrixar e agudar-se porque nos clássicos citados os havia, por erro de imprensa, em lugar de abaixar e ajudar-se. Continua no seu trabalho complementar do dicionário bibliográfico. Disse-me que o contingente brasileiro é sofrível.

Enfim apareceu o Herculano, que logo conheci pela fotografia, que mandou-me. Tratou-me como amigo e chorou quando eu lhe pedi que fosse para mim tal qual foi para meu sobrinho e afilhado Pedro 2º [sic]. Ficou de mandar-me garrafinhas de bom azeite para o peixe de mamãe e quando íamos começando conversa interessante chegou o Luiz com mulher e filhos. Volta cá amanhã às 11 horas.

Falei depois do jantar com o Fontes Pereira de Melo, mas o Fernando aí estava também e despediu-me [sic] dentro em breve.

Fontes Pereira de Melo tenente coronel de engenheiros, tem ar inteligente e enérgico e 51 anos. Disse-me ser sobrinho de Cunha Matos, duplamente e então falei-lhe do neto daquele que tanto figurou na guerra do Paraguai.

Depois ouviu-se a banda do 5º do locutório geral; tomou-se chá às 9 e eu só recolhi-me passada meia noite porque conversei enquanto dançavam e estive vendo um vapor todo iluminado e atirando foguetes que andou por defronte do lazareto.

Ouviram-se as vozes – algumas femininas – que cantavam o hino brasileiro.

Havia de constipar-se, pois a noite estava bem fresca. Vi tudo quase sempre por detrás das vidraças.

Esquecia-me dizer de que o nuncio queixou-se de prevenção do governo daqui contra tudo o que vem de Roma e de que não há cuidado na escolha dos Bispos indo mal os seminários e sendo, em geral, ruim o clero.

Pelo que conversei com os oficiais da Estefânia, que vêm cá quase todas as noites, o serviço da marinha não vai bem e os vencimentos, mesmo fora do Tejo, são muitíssimo mesquinhos.

**19 de junho de 1871** (segunda fa.) — 6h 50' Já tomei banho o que não fiz ontem por um pouco incomodado do estômago; café e escrevi para Lisboa.

Ontem conversei largamente com A. Herculano sobre sua especialidade e negócios de Portugal. Tem escrito grande parte do tomo 5º da história e outros trabalhos um dos quais em uma narrativa em que ele pintava o estado de Portugal – horrorizou-se e rasgou esse manuscrito.

Nas horas de descanso traduz Ariosto, que ele diz agradar mais em verso solto.

Falou muito de Pedro 5º e recomendou-me que levasse para o Brasil a cópia do processo dos fidalgos que tentaram matar D. José, única que existe e muito curiosa pelos depoimentos do rei, tendo o Conde de Olivas assistido até os tratos. Por mais que esquadrinhasse não pôde envolver os jesuítas.

Como Herculano fala entusiasmado da Batalha! A caveira do mestre Ouquet está numa espécie de nicho. Hei ir ver o Convento dos Jerônimos com ele. Se tiver tempo hei de visitar Herculano em Val de Lobos e ele ficou de ler-me o que traduziu de Ariosto, quando lá nos acharmos.

Herculano falou com muita moderação. Descrê de Portugal, sobretudo porque há falta de religião – péssimo clero – e de instrução - dando as eleições, quando libérrimas, como agora, piores resultados quanto ao mérito dos eleitos. Elogiou os seminários todavia. Estigmatizou a igualdade em todo o reino do sistema das escolas, com obrigação de freqüenta-la, pois tornam-se assim o maior vexame da população agrícola. Para ele Soromenho nada tem feito para a idade que já tem. Já o Inocêncio me disse que Soromenho é reputado a pior invenção do Herculano.

É curioso ouvir as opiniões desencontradas dos homens. O Padre Saraiva, impostor, para Soromenho merece todo o conceito a Viale. Herculano não estima o Cantu como historiador, prefere-lhe Amari o historiador da Sicília e referiu-me que Cibrario muito amigo sorria-se quando gabavam a Cantu. Não conhece a obra deste sobre os secretários italianos.

Estiveram o Ministro da Espanha, Fernandes de los Rios e sua mulher; pessoas estimáveis – o Rios historiador é outro – e falamos sobre o teatro espanhol principalmente. Breton de los Herreros ainda vive.

O Ficalho apresentou-se à testa da comissão dos veteranos [*sic*] da liberdade um dos quais era o irmão do Rodrigo Theodoro de Freitas que está no rio chama-se Gregório de Freitas e é bastante idoso. O mais jovem da comissão tem 59 anos.

Vieram também o diretor etc. da Escola Acadêmica – espécie de liceu – acompanhando-os 12 colegas brasileiros – só do sul de Minas – entre os quais 2 filhos do Dr. José Joaquim Ferreira Vale. O Visconde de Menezes e família – duas lindas meninas – trouxe-me desenhos dele litografados e gravados assim como fotografias.

Apareceram igualmente o Dr. Leal e o Soromenho com o Sagara filho que voltaram hoje.

Por fim vieram o Luiz e o Augusto com o Ficalho filho e o irmão do Folque. Falou-se de muitas coisas – o serviço de incêndios parece merecer ser visto – e o Luiz trouxe-me uma nota do observatório meteorológico que confirma o aparecimento da aurora boreal na noite antes de ontem para ontem. Mandaram traço feito pelo declinômetro, mas, como a agulha nada indicava, às 9, não fizeram observações diretas dessa aurora, que foi às 11.

O padre capelão veio aqui, assim como outros – depois da meia noite – mas quando iam chamar-me desvaneceu-se. O ofício remetendo o traço do declinômetro e dizendo o mais é assinado pelo chefe do serviço João Carlos de Brito Capelo – é oficial de marinha. Fez-se isto em resposta a telegrama meu.

Ouvi missa às 9h ¼ da manhã.

Chá às 9h da noite depois de ouvir a banda do 5º que tocou mal a habanera – Noites de Luque. Depois conversa e os outros dançaram ao som da charanga da Estefânia, que estava muito ruim.

Recolhi-me depois de meia noite.

Nada de aurora boreal a noite passada. O tempo está nublado e faz seu fresquinho. Vou mexer um pouco as pernas.

**20 de junho de 1871** (terça-feira) — 7h Não havia água corrente mas encheu-se de outro a banheira e tomei banho e café.

Antes veio a música do 5º tocar no terraço junto ao meu quarto.

Já é começo de liberdade. Tudo o que deve ir para terra está arranjado (digo terra porque a vida aqui é como de bordo) e expedi telegramas para Lisboa.

Ontem tive as visitas entre outras a do Ministro da Itália, Marquês Oldoini, pai da célebre M<sup>a</sup> Castiglione – Não conversa mal e confessou que seu governo tem feito violências, mas desculpa-as com a necessidade.

Vieram Soromenho e Saraga Filho. Pouco conversamos porque apareceu o Luiz. Saraga que se chama Schlmoh (Salomão) Segarah (em caldaico luz = ohr). Leu-me versos de um psaltério, que pertenceu ao Garrett e deu-me o Soromenho. Fiquei de falar-lhe mais em Lisboa. A fisionomia revela bastante inteligência.

Emília das Neves e outros artistas do teatro de D. Maria 2<sup>a</sup> vieram cumprimentar. Eu disse à Emília que esperava na volta ouvi-la no papel de Thusnelda do “Gladiador de Ravena” que ela tinha criado em Portugal.

Condessa do Bonfim, cunhada do Valdez, meu conhecido e o filho dela oficial de artilheria que serviu como engenheiro na Zambésia onde perdeu 2 irmãos, um em combate e outro de febre.

Li ainda a tradução dos Cantares por João de Deus e a bela poesia Napoleão no Kremlin de Mendes Leal.

A mulher do Castilho morreu antes de ontem à tarde mandei-lhe pêsames.

Ontem veio um fotógrafo e eu e minha família tiramos retratos assim como um grupo com a nossa comitiva e Barão de Tabatinga e o Sousa Leão.

**23 de junho de 1871** (6a fa.) — Estação de Badajoz. 6h da manhã. Não tenho tempo para escrever o diário. <sup>009</sup>

**20 de junho de 1871** – antes de almoçar fui passear no fundo do lazareto de onde se goza de belíssima vista.

Encontrei muitos burricos com mulheres montadas numa certa cangalha de banda.

Depois de ter ido à Estefânia, onde não ficaria tão bem como no lazareto desembarquei no terreiro do Paço, indo logo às Janelas-Verdes chorei de alegria e também de dor vendo minha Mãe tão carinhosa para mim, mas tão avelhantada e doente.

Muito agradou-me a Baronesa de Stingel pelos seus modos

S. Vicente de fora bela igreja onde rezei junto aos túmulos de meu Pai, de minhas Manas e de Pedro 5º – não souberam dizer-me onde estava o de meu avô.

À Ajuda – belo mas frio palácio por fora e por dentro e às Necessidades todo arte por dentro onde o Fernando <sup>010</sup> apresentou-me a mulher, tendo eu logo decidido esta questão com minha Mãe. <sup>011</sup>

Vim enfim para o Hotel de Bragança, que é muito bom e tem linda vista – a propriedade assim como as dessa rua pertencem aos bens da casa de Bragança, segundo ouvi depois de ver o convento dos Jerônimos.

Que mimosa arquitetura, sobretudo a parte inferior do claustro!

Lá tive o Herculano, que eu convidara para essa visita. A parte moderna do interior do tempo *[sic]* desdiz muito do resto e a torre cujo risco deu o Cinati é muito pouco graciosa. No claustro há baixo relevo do sol e de navegadores dos quais só um – Pedro Álvares Cabral? – olha para o lado oposto.

O suposto sepulcro de D. Sebastião nada tem.

**21 de junho de 1871** – Tomei banho frio e fui pouco das 6 a pé com o Fernando até as Necessidades.

Vi bem o monumento de Camões – não me agradaram senão alguns dos escritores do pedestal.

Esquecia-me dizer que ontem (20) às 10 pouco mais ou menos fui ao Passeio Público que é grande e estava cheio de gente. Ouvi música assentado junto ao coreto – regia-a o Cardim, que esteve no Paraguai – e muitas meninas dançaram perto de mim, querendo todos beijar-me a mão e pedindo beijos que dei nas mais pequenas. Ao sair houve atropelo, mas eu fui metendo o ombro e só o Nicolau é que se viu mais zozzo.

As Necessidades exigiram um volume. O jardim, onde passei bem é lindíssimo. O Fernando prometeu-me fotografia do mesmo tamanho de um admirável desenho do célebre Sequeira representando o descendimento da Cruz.

A cópia de um mercado de escravos e outro quadro original de uma odalisca creditam o Fonseca.

Vi paisagens bonitas do Assunção e tanto objeto de arte curioso que fiquei tonto.

Visitei a Escola Politécnica excelentemente montada e gostei de... <sup>012</sup>